

PÂNDEGA

Como admirador e leitor assíduo do ministro Gudín quero lhe mandar um aviso: já estamos todos informados há muito tempo, e mesmo antes que ele fôsse decretado, da influência do novo salário-mínimo sôbre a alta geral dos preços. Não vejo motivo para que o ministro volte a falar nisso. Esse aumento veio apenas, afinal de conta agravar uma crise que já existia. Acredito também que para os diretamente beneficiados essa crise não se agravou. A não ser que me provem o contrário, sustento que o aumento deu um desafogo temporário à classe mais necessitada da população urbana, visto que o trabalhador rural continua plácida e sua existência de pária. Para o operário que ganhava "x" e passou a ganhar "x" mais "n", o aumento foi bom. É verdade que seu dinheiro se desvalorizou, mas essa desvalorização só através de um certo período de tempo será de ordem a anular os benefícios da medida. Mesmo porque algumas despesas forçadas, como o aluguel de casa, escapam à elevação de preços.

Não vejo nenhuma utilidade em estar a todo momento o ministro chorando o novo salário-mínimo: ele assim pode dar a impressão (errada) de que os trabalhadores é que são os grandes culpados da crise. Revogar a medida não seria somente desumano mas completamente impossível. Confessarei, de resto, que me comóvem muito pouco os brados patéticos do meu illustre confrade Augusto Frederico Schmidt a favor do enriquecimento do Brasil. Sim, somos um país pobre. Mas uma parte de nossa pobreza geral reside — isso ninguém conseguirá disfarçar — na cobiça e no esbanjamento de uma classe social. E' assombroso que se continue a importar "Cadillacs"; mais assombroso ainda me parece que êsses reluzentes carros tenham compradores aqui dentro, quando o dólar, no câmbio manual, não se arranja por menos de 75 cruzeiros. Onde é que tanta gente arranja tanto dinheiro para comprar tanta coisa?

O povo, senhor ministro Gudín, senhor poeta Schmidt, o trabalhador que é apontado quase como um criminoso por ganhar 2.400 cruzeiros, sabe muito bem que isso não dá sequer para alimentar e manter um carro dêsses durante um mês, sem contar o "chauffeur". Estamos pobres? Mas somos bastante grã-finos e folgados para passar, agora, a usar gasolina mais cara. O sujeito que vai para o trabalho de bonde, ônibus ou lotação faz cada dia uma viagem mais lenta e difícil, porque todo dia aumenta o número de carros particulares. Não é fácil convencer a êsse homem que estamos em um regime de austeridade e que os patrões precisam ter lucros maiores para empatá-los na produção. Nossa burguesia não sentiu ainda nem de leve o impacto da crise: ela continua não apenas a gastar, como a ostentar. Vive às pamparras, e gosta que se veja isso. Pode faltar água: a "champanhota" não falta nunca. Os cronistas sociais colocam êsse espetáculo numa vitrina bem iluminada, para que todos o vejam. Não os críticos: são honestos. Apenas alguns dêles talvez não percebam que estão diariamente a revelar ao povo uma realidade espantosa. E' bom que as coisas sejam ditas. E' mau que elas aconteçam como estão acontecendo: a completa irresponsabilidade de uma classe social pompeando sôbre as penúrias da massa.

A verdade é que tudo isso tira autoridade ao govêrno, embora seja evidente que o atual govêrno não tenha culpa de nada disso. Não sou um moralista; sou homem amante de prazeres e não tenho motivo algum para esconder como as boas coisas do mundo, como toda pessoa normal deve amar. Mas o destino me botou nessa espécie de classe média jornalística e boêmia que permite a uma pessoa ter conhecimento da vida verdadeira de tôdas as classes sociais — desde a dura e soturna miséria à bela pândega dourada. Se querem endireitar o Brasil, vamos fazer uma forcinha; o que é sério deve ser tratado a sério. Mas nossos capitalistas estão se demitindo de sua função social e estão abusando demais da longa e triste paciência do povo.

29.11.54 R. B.